Ponto Urbe
Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

31 | 2023
Ponto Urbe 31 v.2

Ausência em amarelo: um relato do encontro entre morte e fotografia em álbuns de família

Absence in yellow: an account of the encounter between photography and death in family albums

Beatriz de Arruda Campos Barcellos

Edição electrónica
URL: https://journals.openedition.org/pontourbe/15776
ISSN: 1981-3341

Editora
Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica
Beatriz de Arruda Campos Barcellos, «Ausência em amarelo: um relato do encontro entre morte e fotografia em álbuns de família», *Ponto Urbe* [Online], 31 | 2023, posto online no dia 10 dezembro 2023, consultado o 07 janeiro 2024. URL: http://journals.openedition.org/pontourbe/15776

Este documento foi criado de forma automática no dia 7 de janeiro de 2024.

Ausência em amarelo: um relato do encontro entre morte e fotografia em álbuns de família

Absence in yellow: an account of the encounter between photography and death in family albums

Beatriz de Arruda Campos Barcellos

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original version 21/08/2023
Aceitação / Accepted 23/10

Fotografia 1- Mãos entrelaçadas de minhas tias e minha avó em sua primeira internação.
Fonte: Arquivo Pessoal. Brasil, 1997

Minha querida filha que você exercite realmente essas receitas que sua avó e sua mãe executaram; dessa forma você se lembrará frequentemente de nós (Myriam, 1998)

Vazio redescoberto: encontros de família e receitas

1 Em volta da foto já desbotada, o papel manchado era para mim bastante familiar. A camisola tem uma textura leve, menos densa que a do lençol, salpicada com pequenas cruzes e escritos em azul, que talvez denunciem o ambiente hospitalar. No último plano, a colcha, muito semelhante à camisola, completa a estranha sinestesia causada pelas diferentes texturas. Suas linhas finais, súbitas depressões e curvas tingidas de um tom mais escuro têm continuidade nas mãos entrelaçadas. Ao mesmo tempo, essas mãos contrastam com o fundo neutro: aí se concentra a vida na imagem. Confundem-se delicadas, linhas que brincam entre a continuidade e a cisão: o olhar é conduzido a um todo harmônico, mas é também convidado à contemplação de cada uma delas. Quatro das seis mãos são mais jovens, e as da mulher deitada, mais maduras e as únicas que aparecem em seu par, concentram mais linhas de vida. Quatro mulheres casadas, alianças nas mãos esquerdas, e uma noiva, uma única mão direita. Isso já transborda o recorte da imagem, mas como soube faz pouco tempo, ela acabava de ter ficado noiva. Apesar de tudo, com certeza influenciada por minha conexão emocional com essa foto, sinto um calor confortável e seguro olhando para ela, como se tivesse sido tirada em um dia de muito sol, mas de temperatura amena. Talvez pense isso porque minha avó odiava dias cinzas, dias tristes e amasse rosas *champagne* com seu amarelo esmaecido, como minha mãe me contou. Com certeza misturado a muitos outros sentimentos, aquele em primeiro plano é amoroso, ele pulsa claro e forte mesmo com a imagem desbotada, com ares de nostalgia antiga.

2 Essa é a foto colocada em uma das primeiras páginas daquele que foi conhecido por mim como o livro de receitas da família. A capa azul escuro tem gravada em letras

prateadas "receitas caseiras", de Dona Myriam, minha avó e Dona Alcyppe, minha bisavó. Nós o abrimos de tempos em tempos, confirmando detalhes de receitas típicas de encontros de família: os tabletes de nozes no Natal, o nhoque da sorte, o rocambole de cenoura ou o polêmico cozido, que não é pessoalmente um dos meus favoritos, fato que já levou a ameaças de deserdação. Fato é que, esse livro e suas receitas estiveram presentes durante toda a minha vida, mas pouco sabia sobre as circunstâncias dessa foto, que parecia me engolir aos poucos, nem sobre minha avó de maneira geral. Sabia, é claro, que ela tinha morrido pouco tempo antes de eu nascer, que tinha ficado doente pouco depois de minha irmã mais velha nascer e que tinha sido algo muito difícil para minha mãe e para suas irmãs.

3 Foi essa foto que desencadeou a curiosidade de voltar aos álbuns de minha família, à casa de meu avô. Ainda não sabia exatamente o que buscava, mas tinha Myriam e suas receitas em mente. Com a morte de meu avô durante os anos de pandemia, a casa acompanhava o clima da despedida para a qual tinha me atrasado cerca de 23 anos. Nessa casa reencontrei e me aprofundei pela primeira vez em vazios secretos. George Didi- Huberman (1998) explora essa ausência na experiência do ver no luto. A partir da cisão do olhar, daquilo "que nos olha no que vemos", discute-se a dificuldade da contemplação daquilo que é sustentado pela perda, daquilo que nos olha com vazio. O autor defende que com os olhos fechados ou abertos devemos encarar essa cisão e nela marinar:

> Mas a conclusão da passagem joyceana – “fechemos os olhos para ver” – pode igualmente, e sem ser traída, penso, ser revirada como uma luva a fim de dar forma ao trabalho visual que deveria ser o nosso quando pousa os nossos olhos sobre o mar, sobre alguém que morreu ou sobre uma obra de arte. Abramos os olhos para experimentar aquilo que não vemos, o que não mais veremos – ou melhor para experimentar que o que não vemos com toda evidência (a evidência visível) não obstante nos olha como uma obra (uma obra visual de perda). Sem dúvida, a experiência familiar do que vemos parece na maioria das vezes dar ensejo a um ter: ao ver alguma coisa, temos em geral a impressão de ganhar alguma coisa. Mas a modalidade do visível torna-se inelutável - ou seja, votada a uma questão de ser - quando ver é sentir que algo inelutavelmente nos escapa, isto é: quando ver é perder. Tudo está aí. (Didi-Huberman, 1998, p.34)

4 O que seria um volume tátil que nos permite reconhecer o vazio, que nos olha destituído de presente senão a fotografia? Huberman conta que a necessidade de criar imagens, sejam elas fotos, esculturas ou pinturas, é atrelada à busca de algo que vai além da cisão do olhar, que ultrapasse esse duplo. Aquilo que olhamos não é nem um simples objeto ou um processo de esvaziamento, ele ganha algo de “Outro”, de metafísico, transformando a experiência do ver em um “exercício de crença”. Nesse sentido, toda a imagem é sagrada, guardando algum indício da vida eterna, de presença embalsamada no tempo. É colocado, de forma ilusória, significado para além do vazio que nos olha. Acho que inevitavelmente também sou culpada disso e apesar de não poder tratar dessa atitude como um erro, busquei tentar absorver aquela nova ausência, como alguém que observa o mar em luto.

5 Aos poucos percorrendo as páginas grossas, separadas por amarelados papéis-manteiga, ou plásticos acetinados que capturam a luz no ângulo certo, eu redescobri um vazio com o qual vivi minha vida inteira, mas que nunca tinha reconhecido propriamente. Aquela casa, onde estava sentada no chão da sala ampla já sem móveis, não era só do meu avô; ela foi, até sua morte, principalmente de minha avó. Será que

minha mãe sentia aquele vazio todos os incontáveis dias que passamos lá? Como colocado por Carolina Junqueira dos Santos (2017)

> A morte de um ente próximo é uma experiência particular e incompartilhável. O espaço vazio que fica na casa, a estranha sensação de deixar o morto sozinho no cemitério, a brutalidade de um corpo que desaparece. As palavras – vazias como a casa – parecem não alcançar ninguém. Um mundo mágico começa a se tecer, então, no sobrevivente, em suas memórias, nos objetos que restaram, nas fotografias, cartas, fitas cassetes, filmes. Ele começa a compor um novo corpo para ocupar o lugar vazio. (Santos, 2017 p.20)

6 Inevitável, então, o quão imaginário e infiel foi o universo que criei vendo suas fotos, usando roupas antigas que herdei, recriando receitas ao longo dos anos de alguém que nem ao menos conhecia. Como veremos em seguida, foram justamente as fotos que não chegaram aos álbuns, aquelas em que sua doença aparecia de forma óbvia, que me intrigaram mais intensamente. Apesar de ter conversado com mais cinco pessoas que tiveram experiências semelhantes, através de suas próprias fotos, decidi ter como foco a trajetória de minha avó, mesclado a meu próprio aprofundamento na sua ausência. Procurei ir, aos poucos, puxando e costurando os fios de memória invocados em cada foto e que tratassem desse ínterim prolongado e incerto daqueles que se veem diante da morte de um ente querido, cada vez mais inescapável. Assim, busco entender minha avó, suas roupas, receitas, pessoas com quem conviveu e principalmente suas fotos como um eterno acontecer, como um emaranhado de fios de vida que insurgem entre si, se aproximando da definição de "coisas" de Tim Ingold (2012).

7 Como toda fotografia, as imagens do período de doença ganham e transformam seu significado de acordo com o ponto de referência espacial e temporal. Como confirmei em minhas conversas é somente após a morte que essas imagens ganham um caráter definitivo de despedida, mas que, até mesmo depois desse fato, guardam consigo resquícios da esperança, resistência, cumplicidade e mesmo normalidade, que buscavam estabelecer. Aqui resolvi adicionar ao final do texto escrito uma trajetória igualmente importante e intencional, através da seleção de dez fotos de meus arquivos. Duas se mesclam ao texto, uma vez que serão elaboradas com descrições. Serão feitas menções a histórias de algumas fotos presentes na sequência, de forma a ilustrar as reflexões sobre esse tipo particular de imagem e outras falam por si sós. Tanto o texto quanto a sequência de fotos contam da mesma trajetória e fluxo de ideias, e por isso não devem ser entendidas como meramente ilustrativas.

As fotos escondidas no fundo do armário

8 Quando já havia revirado todos os álbuns que consegui achar na casa dos meus avós, fui finalmente guardá-los nos armários. Foi quando resolvi checar uma última vez, passando as mãos pelos seus cantos escuros e me deparando, bem no fundo, com uma sequência de sacos plásticos, com blocos de fotos desorganizadas. Olhei todas elas, é claro, até que uma me trouxe aquele forte senso de familiaridade. No topo de uma das pilhas estava a foto que dava abertura ao nosso livro de receitas. Nunca tinha visto sua versão original, ou nenhuma foto desse dia, comemorando o noivado de minha tia, seus dias no hospital já bem doente, onde citou aos poucos para minha tia Cecília e tia Mabi, as receitas deste livro. Afinal como iriam se virar sem sua mãe, que sempre se encarregava da cozinha?

9 Nessas pilhas encontrei essas fotos, junto com outras que nem imaginava existirem, como as da casa decorada para receber minha avó após sua primeira cirurgia ao final de 1997, que não havia sido bem-sucedida. Deram a notícia de que teria mais quatro meses de vida; acabou, no entanto, vivendo mais 14. Nas fotos, principalmente naquelas do hospital, todos apareciam bastante animados - grandes sorrisos e abraços - energia que não era acompanhada por minha avó, muitas vezes com o olhar alheio à câmera, talvez um pouco ausente. Essa animação inclusive parece ser um denominador comum nesse tipo de situação de despedida, como foi relatado em minhas outras conversas. Talvez seja uma forma de manter a normalidade. Discuti em um desses diálogos, se seria assim que gostaríamos de ser tratados quando estivéssemos nessa situação em que nossas mortes fossem um pensamento recorrente. Não conseguimos chegar a uma conclusão, a felicidade sempre tem algum tom forçado ou algo de evasivo, mas não demonstrá-la talvez pudesse ser lido como apatia. Concluímos que é impossível especular, ou pelo menos, de muito pouca utilidade.

10 Quando finalmente levei essas fotos - junto com muitas outras que saberia que trariam boas memórias- para uma reunião de família, coincidentemente tínhamos de almoço as sobras do cozido preparado alguns dias atrás. E, como descobri por histórias invocadas pelas imagens trazidas, esse é um prato que só pode ser preparado nas panelas de minha bisavó. As fotos puxavam longos fios de memórias, encadeando histórias, com muitos personagens dos quais eu já havia ouvido falar, mas pouco sabia. Tia Zizi sorria na mesa do cozido, trazendo risadas ao rememorar como costumava fazer goiabada bem puxa-puxa, para prender a dentadura de seus tios quando criança. Na mesa do Natal, Tio Darly e Auzary, irmãos de minha avó, sentavam ao lado de Nancy, uma de suas grandes amigas e Jacirema, uma de suas primas que sempre convidava por pensar ser muito sozinha. Como colocado por minha tia, minha avó era muito gregária. Eu fui descobrindo essa malha de ausências, em Natais que sempre vi como tão completos.

11 O mesmo não pode ser dito para as fotos escondidas no fundo do armário: menos comentários foram feitos e o clima de repente ficou mais sombrio. Histórias ainda foram contadas, de como minha tia esqueceu de levar o noivo para o cartório depois de 10 anos de namoro, ou aquelas sobre a confecção do livro de receitas. Nas palavras de minha tia "Parecia que o livro nunca ia acabar. Sempre tinha alguém que queria colocar mais uma receita". De toda forma, as associações entre histórias eram menores e pouco havia a ser dito.

12 Antes que pudesse me aprofundar melhor no porquê dessa evasão ou o porquê dessas fotos no geral, eu recorri ao senso comum: gostamos de lembrar dos bons momentos, ter a memória de alguém em seu melhor estado. Também busquei respostas em fontes teóricas. Como já colocado, todas as imagens têm algo de sagrado, justamente por atingirem o limiar entre a ausência e a presença material, realidade e representação. A fotografia em especial existe entre duas realidades, a primeira é o próprio passado, o *assunto no momento do ato* de registro, além do processo de criação, ou seja, as técnicas utilizadas pelo fotógrafo. No instante em que a luz refletida atinge a placa fotossensível e a imagem é gravada, a fotografia pertence a essa realidade, mas depois dele é transposta para a dimensão da representação. Essa segunda realidade é a contida nas dimensões bidimensionais da foto, *a do assunto representado* e sua condição como documento (sempre presente, mas que indica um passado inacessível) e que está sujeito a possibilidades infinitas de leituras. (Kossoy, 2002)

13 Mary Douglas em *Pureza e perigo* (1991) demonstra como a desordem - aquilo que não pode ser claramente classificado ou que está na fronteira das normas tradicionais de classificação, ou seja, no limiar - está associada às noções de perigo e poder. É justamente nesses espaços marginais que se abrem caminhos para rituais e para a atuação daqueles que tomam vantagem no poder da desordem. Ao retomar a obra da autora, Peter Fry comenta: "(...)feiticeiros, profetas e curandeiros, observa Douglas, manipulam símbolos de desordem, associando-os àquelas áreas do cosmo definidas como 'marginais' da sociedade" (Fry, 1982, p.78).

14 Acredito que essas imagens de despedida que, diferentemente de outras fotografias, têm a morte não apenas como pano de fundo, mas nos olhando de maneira explícita, ganham nova profundidade em sua liminaridade. Se como colocado por Carolina Junqueira (2017) é o afeto que provoca o estado mágico da imagem, que permite a corporificação do ser amado e que ultrapassa o caráter meramente representativo; eu penso que é a magia imposta pelo caráter limiar da imagem que faz com que algumas delas sejam evitadas, pouco comentadas, guardadas no fundo do armário.

15 No entanto, essas fotos ainda foram reveladas e guardadas. Quando perguntei para minha mãe se ela tinha voltado muito nos álbuns de família depois da morte de minha avó, ela disse que sim, mas nunca para as fotos em que já estava doente. Então por que elas foram tiradas? Minha mãe ficou algum tempo ruminando essa pergunta. Como se podia imaginar, não era algo exatamente racional. Diferente do que eu havia elaborado até então, não se tratava apenas de fotos para um suporte contínuo de uma despedida; eram, sobretudo, registros de sua ainda vida, da resistência de qualquer fio de vida. Como se com isso disséssemos para nós mesmos, ela ainda está aqui. "Ela ainda está viva. Estamos aqui e estamos comemorando". Nessa conversa também ficou explícita a importância do ato de tirar a foto. "Sabe quando você tá num lugar muito lindo e você tira uma foto mesmo sabendo que você não vai vê-la de novo? É como se o tempo de registro na câmera fosse um tempo que você se dá para registrar aquilo na sua memória.", me contou minha mãe. Assim como um espelho, a foto funciona como uma verificação da realidade vivida, mas também como um ritual, consagrado em um gesto de guardar, mas mais que isso, reconhecer aquele de quem se tira a foto.

16 De maneira semelhante, em uma de minhas conversas com uma amiga próxima, discutimos o apego que ela tinha por certas fotos para as quais não conseguia voltar. Mesmo afirmando acreditar que as fotos sempre mentiam sobre sua essência, nunca conseguindo capturá-la, colocava um forte vínculo na existência das fotos e das memórias nelas representadas. Dito de outra forma, a existência dessas fotos também seriam a garantia da existência de suas memórias.

17 É claro que o luto e, por óbvio, a relação com esse tipo de imagem é muito pessoal e varia enormemente. Por exemplo, algumas das pessoas com quem conversei voltam com alguma frequência para essas fotos, justamente para reafirmar a existência da tristeza e dor sentidas naqueles momentos. Em uma conversa, foi apontada a vontade de voltar a essas fotos por serem os seus momentos presentes mais próximos de nós. Acredito que seja inclusive esse sentimento que tenha levado ao meu fascínio por essas fotos em específico. Parece que foi por tão pouco, que com aquelas últimas imagens, eu talvez conseguisse abstrair o tempo que faltava para minha existência, talvez assim pudesse conhecê-la, compor nesse ínterim alguma forma de ponte imaginária para um passado mítico. Como sugerido por Didi-Huberman, eu tento estimar esses objetos de sonhos, que são as fotografias, contemplando a série de coincidências que me levaram

até elas. Eu penso em todas as oportunidades em que poderiam ter sido perdidas, e me deixo povoar as lacunas deixadas por sua tentativa falha de realidade (Didi-Huberman, 2012). Afinal, como colocado pelo autor no início de um de seus artigos: “Assim como não há forma sem formação, não há imagem sem imaginação.” (Didi-Huberman, 2012, p.208).

18 Mas isso também me faz pensar que a falta de distância, a possibilidade de menos lacunas, o afeto mais latente por aquele que se vai e que intensifica o teor mágico da imagem, possa tornar essas fotografias mais inacessíveis e sagradas, como as câmaras mais internas de um santuário. Algumas das fotos de minha avó, já mais doente, foram expostas de forma constante, mas sempre com algum atenuante, como a das mãos que abrem esse trabalho, mas que, não mostrando rostos, parece ser mais facilmente digerida. Uma foto muito semelhante, inclusive, apareceu em uma de minhas conversas.

19 Vale também mais um adendo sobre essas fotografias em específico. A grande acessibilidade à produção e armazenamento de fotos oferecida pela tecnologia acabou por alterar e expandir as funções dadas às fotografias de maneira geral. A marca que imprimimos nas fotos físicas com nossas sombras, assim como a sombra que elas projetavam em nós (Santos, 2017), são apagadas pela tela luminosa de nossos celulares ou computadores. Essa troca recíproca é fragilizada, o que talvez explique em parte as muitas formas com que a imagem é banalizada. Dentre minhas conversas, realizadas com pessoas mais jovens, a presença de grupos de WhatsApp dedicados a atualizações e, de maneira geral, à homenagem daqueles adoecidos foi constante. O resultado era a mistura desconcertante entre memorial precoce, com fotos antigas relembrando os "bons momentos" e a busca por leveza e normalização, com piadas e fotos jocosas.

20 Fica evidente, principalmente nesses grupos, como todas as fotos eram transpassadas por sentimentos concomitantes de despedida e esperança, mesmo com prognósticos bastante desencorajadores. As fotos também serviam para a atualização sobre a condição do ente querido, principalmente àqueles membros da família que não conseguiram realizar visitas, que moravam longe ou que tinham complicações geradas pela pandemia. De qualquer forma, o ato de tirar fotos continua sendo o gesto de materializar, guardar, reconhecer tanto a vida que resiste, como as dificuldades passadas por todos tocados nessa malha de relações. A exploração das diferenças geradas por esses avanços tecnológicos poderia, com toda certeza, ser bem mais explorada em um trabalho dedicado a esse tema específico.

Com o que ficamos

21 Sejam por aquelas fotos mais perto de nosso presente ou, como Barthes, reconhecendo a essência de sua mãe em uma foto sua com apenas cinco anos de idade (Santos, 2016), tentando buscar a sua marca mais antiga na terra, é comum nos perguntarmos com o que ficamos ao tirá-las ou revisitá-las. Se é verdade que no final ainda temos a ausência ou apenas a ilusão de um encontro jamais concretizado, gosto de acreditar que alguma coisa é transformada. Em seu texto *Amor, Morte e Fotografia*, Carolina Junqueira expõe como o luto evoca a infância: "A infância se mistura à perda; o passado se distancia; o presente é o lugar onde se busca o encontro possível. Ou, talvez, pudéssemos nos tornar também um feixe de passado, uma não existência imediata, porque somente assim, na

invenção da nossa própria morte, poderíamos ainda partilhar um instante com o morto."(Santos, 2016, p.191).

22 Ao promover o reencontro com as fotografias de minha avó naquela tarde de domingo acompanhada de cozido, muito me lembrei da infância. Da dinâmica de minha mãe com minha tia, debatendo sobre quem lembrava datas e fatos corretamente, às suas reclamações das datas pouco confiáveis que minha avó escrevia nas suas primeiras fotos de criança. Curiosamente no almoço em meio a um debate sobre a origem do famigerado cozido, meu tio tinha a contribuição perfeita a ser feita com um livro sobre comida caipira, presente de um de seus afilhados. O trecho foi ouvido com interesse por todos na mesa:

> O que me fascina neste prato é que, quando bem preparado, o resultado é um deleite sensorial que transcende o paladar e o olfato. Se respeitados os pontos de cocção de cada ingrediente, as variações de textura experimentadas durante a mastigação provocam uma prazerosa sucessão percussiva, percebida pelo tato e audição (...) A evocação do sabor da sopa de legumes consumida na infância, da papinha de bebê, completa a experiência de um bom cozido. Familiar a todos, esse sabor do cozido conforta quem o consome."(Doria & Bastos, 2022, p.184)

23 Acho que a lembrança e o reconhecimento da existência, quando pautado no amor, de alguma forma sempre conforta. A partir das conversas sobre fins, despedidas, sofrimento e esperança, acabaram sempre surgindo ideias de finalizações de antigos projetos, começo de novos. Meu pai sugeriu ao final do almoço que poderia ser feito um livro de receitas do seu lado da família, minha mãe lembrou que deveria terminar de colar as fotos dos nossos álbuns de infância, algo que sua mãe deixou a suas filhas e que foram revisitados tantas vezes e com tanto carinho. Um dos meus interlocutores teve o projeto de imprimir as fotos que tirou de seu bisavô, com a ideia de fazer um álbum físico, outro ficou determinado em descobrir por que amava tanto fotos que nunca via.

Fotografia 2 - Minha mãe apaga a vela em um rocambole, em comemoração de aniversário conjunta com minha avó.

Fonte: Arquivo pessoal, 1996

Image 10000201000002A9000001BC4D10C19B1D877C4F.png

24 Nem a mesa cheia ou as almofadas desarrumadas conseguem deixar menor o vazio que parece permear essa foto. Os cantos escurecidos nos deixam imaginar que a pequena vela fosse capaz de iluminar todo o centro da imagem. O sofá, as cadeiras, os quadros, os retratos na mesa ao fundo, os copos, os talheres e vasilhas, até mesmo a toalha de mesa que usamos todo Natal, tudo isso continuou igual até muito pouco tempo atrás. Ao mesmo tempo, tudo parece estar a uma vida de distância. Tudo é tingido de um amarelo antigo, do rocambole de cenoura e sua minúscula vela ao reflexo dos talheres, copos e da pele de subtom oliva de minha mãe. Talvez porque o amarelo seja sua cor favorita, como me contou muitas e muitas vezes, o bastante para que fosse também minha cor predileta. Ela e minha avó, vovó Myriam, sua mãe, parecem ter comemorado suas aniversários juntas, devido à proximidade de datas (primeiro e quatro de dezembro). Ao ver todas essas fotos - mas essa em especial - também lembrei muito de uma infância que não tive, no entanto conheci mais daqueles que me formaram e decidi entrar em contato com quem não falava há muito tempo. Rememorar ou descobrir alguém tão crucial na vida de minha mãe, em quem me vejo tanto, me faz acreditar que de alguma forma tenha povoado a ausência que continua a me olhar persistente.

25 Sentada no chão da casa de meu avô, redescoberta também como de minha avó, eu percebi como quase todas as fotos dos álbuns tinham sido tiradas naquele espaço. Vamos vende-la logo e acho que entendo um pouco melhor a relutância inicial de quase todos os envolvidos. Na confecção deste exercício, li sobre o arquiteto dessa casa em um dos livros da casa de minha tia: *Adolf Franz Heep: Um arquiteto moderno* (2018). Entre outras coisas, contava que as casas unifamiliares estavam entre seus *designs* menos explorados e reiteraram, principalmente, a sensação de introspecção. Com saídas estreitas para a rua e o familiar jardim interno, essa casa guarda possivelmente as melhores memórias de minha família e será constantemente relembrada, mesmo que pelos vazios deixados ao longo dos anos, assim como sua ausência que nos verá para sempre embalsamada, mas que também nos constituirá, em todas as suas fotografias.

Fotografia 1 - Mãos entrelaçadas de minhas tias e minha avó em sua primeira internação.
Fonte: Arquivo Pessoal. 1997

Fotografia 2 - Minha mãe apaga a vela em um rocambole, em come- moração de aniversário conjunta com minha avó.
Fonte: Arquivo Pessoal. 1996

Image 10000201000002B9000001C40FCCE598618C5045.png

Fotografia 3 - Ceia de Natal com diversos pratos típicos de família.
Fonte: Arquivo Pessoal. 1996

Image 10000201000002910000001B8AC69B858B6D78937.png

Fotografia 4 - Minha avó apaga a vela em um rocambole, em comemoração de aniversário conjunta com minha mãe.
Fonte: Arquivo Pessoal. 1995

Fotografia 5 - Típica tarde com cozido na fazenda de meu tio-avô Auzary.
Fonte: Arquivo Pessoal. 1995

Fotografia 6 - Meus tios mostram suas alianças ao lado de meu avô e minha avó.
Fonte: Arquivo Pessoal. 1997

Fotografia 7 - Minha mãe e irmã mais velha entregam um presente de aniversário para minha avó.
Fonte: Arquivo Pessoal. 1997

Fotografia 8 - Retrato de família no jardim da casa de meus avós.
Fonte: Arquivo Pessoal. 1975

Image 100002010000026F0000019E81C09A0FE58E9CCF.png

Fotografia 9 - Decoração de boas-vindas a minha avó, depois de receber alta de sua primeira internação.
Fonte: Arquivo Pessoal. 1997

Image 10000201000002D6000001DBEFFB370B88A3A8CD.png

Fotografia 10 - Meu reencontro com os álbuns de minha família.
Fonte: Arquivo Pessoal. Brasil, 2023

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Marcelo Consiglio et al. **Adolf Franz Heep:** um arquiteto moderno. São Paulo: Monolito, 2012. ISBN-13: 978-85-66275-21-6.

DIDI-HUBERMAN, Georges. A inelutável cisão do ver. *In:* _____. (org.) . **O que vemos, o que nos olha.** São Paulo: Editora 34, 1998. ISBN-10: 8573261137

DIDI-HUBERMAN, Georges. O evitamento do vazio. *In:* _____. (org.) . **O que vemos, o que nos olha.** São Paulo: Editora 34, 1998. ISBN-10: 8573261137

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, n. 4, p. 206-219, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454>. Acesso em 30 Out 2023.

DÓRIA, Carlos Alberto; BASTOS, Marcelo Corrêa. **A culinária caipira da Paulistânia:** a história e as receitas de um modo antigo de comer. Fósforo, 2021. ISBN-10: 6589733309

DOS SANTOS, Carolina Junqueira. Amor, morte, fotografia. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG,** Belo Horizonte, n. 11, p. 188-199, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15790>. Acesso em 28 Out 2023.

DOS SANTOS, Carolina Junqueira. Um lugar para o corpo: fotografias familiares em contexto de luto. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer,** Rio de Janeiro, n. 3, p. 8-29, 2-17. Disponível em: <https://seer.unirio.br/revistam/article/view/8147>. Acesso em 28 Out 2023. https://doi.org/10.9789/2525-3050.2017.v2i3.8-29

DOUGLAS, Mary. Capítulo VI. *In:* _____. (org.). **Pureza e Perigo.** Lisboa: Edições 70, 1991. Cap. VI, pp. 72-85. ISBN-10: 9724407942

FRY, Peter. Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros. *In:* _____. (org.). **Para inglês ver:** Identidade e política na cultura brasileira. São Paulo: Zahar, 1982.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica.** Cotia: Ateliê Editorial, 2002. ISBN-10: 8574807303

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 37, p. 25-44, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/JRMDwSmzv4Cm9m9fTbLSBMs/>. Acesso em 29 Out 2023.

RESUMOS

Neste relato etnográfico, acompanhado por uma seleção de fotografias, registro minhas reflexões e observações no processo de descobrimento, ou redescobrimento, de minha falecida avó, que nunca vi, a não ser por imagens. Discuto principalmente as fotos de condição especialmente marginal, no limiar entre a vida e morte, quando já se sabe que o ente querido fotografado não tem mais muito tempo de vida. Impulsionado pela foto das mãos entrelaçadas de minha avó e minhas tias, que estampa a primeira página do livro de receitas de minha família, esse texto teve como base relatos a partir de álbuns de fotografias, o que inclui almoços com meus familiares e diversas conversas individuais com outras famílias que tiveram experiências semelhantes. Chego, então, não em reflexões sobre fotos de despedida, como inicialmente imaginava, mas sim de imagens de resistência de vidas e espaços, que sobrevivem em sua ausência.

In this ethnographic account, accompanied by a selection of photographs, I record my reflections and observations in the process of discovering, or rediscovering, my late grandmother, whom I never saw, except through images. I mainly discuss photos of a particularly marginal condition, between the threshold of life and death, when it is already known that the beloved family member that is being photographed does not have much longer to live. Driven by the photo of my grandmother's and my aunts' intertwined hands, which appears on the front page of my family's cookbook, this text was based on various accounts from photo albums, which includes lunches with my family members and several individual conversations with other families who had similar experiences. I arrive, then, not in reflections of photos of farewell, as I initially imagined, but in images of resistance of lives and spaces, which survive in their absence.

ÍNDICE

Palavras-chave: fotografia, morte, ausência, álbuns de família, marginalidade
Keywords: photography, death, absence, family albums, marginality

AUTOR

BEATRIZ DE ARRUDA CAMPOS BARCELLOS

Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo.
E-mail: bibimasterplus@usp.br
ORCID: https://orcid.org/0009-0001-6214-366X